

# Nota de Leitura

---

## Serie Clásicos de la Educación

Comas, Margarita. *Escritos sobre ciencia, género y educación*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.

Luzuriaga, Lorenzo. *La escuela única*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.

Natorp, Paul. *Pedagogía social. Teoría de la educación de la voluntad sobre la base de la comunidad*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.

Em 8 de outubro de 2001, Antonio Viñao Frago (Universidad de Murcia) enviou um carta aos associados da entidade que preside, a Sociedad Española de Historia de la Educación (SEDHE), comunicando o lançamento de um empreendimento editorial que:

não apenas pretende facilitar a leitura de obras de difícil acesso, mas também oferecer estudos introdutórios renovados a cargo de especialistas, os quais recolhem as investigações mais importantes dos últimos anos sobre os autores selecionados, assim como estudos sobre a sua recepção no mundo da fala espanhola

Tratava-se do lançamento da “Serie Clásicos de la Educación”, dirigida por Agustín Escolano Benito (Universidad de Valladolid) e Gabriela Ossenbach Sauter (Universidad Nacional de Educación a Distancia), contando com um alentado Conselho Assessor (do qual participam pesquisadores da Espanha, do México, da Colômbia, da Argentina e de Portugal) e com a colaboração da própria SEDHE. Na orelha esquerda dos volumes dessa série, um texto, infelizmente anônimo, anuncia:

Cada tempo, e o nosso também, decide que autores e que textos têm de ser resgatados ou requalificados como clássicos. Esta série

de *Clásicos de la Educación* nasce para facilitar a leitura dos livros que nos ajudarão a entender quem somos e onde temos chegado. Mediante o diálogo com eles, os professores e pedagogos da nossa época intalar-se-ão criticamente na tradição de uma cultura educativa ainda viva, da qual não é possível nem razoável prescindir.

A série, por sua vez, faz parte da coleção “Memoria y Crítica de la Educación”, também dirigida por Agustín Escolano Benito, e constitui um louvável esforço da editora espanhola Biblioteca Nueva, sediada em Madri. A nós outros, da fala portuguesa com sotaque brasileiro, só nos resta saudar a iniciativa, não sem uma pontada de inveja, já que os volumes que compunham uma coleção semelhante, brasileira, a “Atualidades Pedagógicas”, são hoje itens encontráveis apenas nas bibliotecas e nas lojas de livros usados, constituindo acervo que pouca gente frequenta, à exceção de alguns obstinados pesquisadores – entre eles Maria Rita de Almeida Toledo, autora da magistral tese de doutorado intitulada *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*, defendida em 2001.

O primeiro lote da “Serie Clásicos de la Educación” é formado por três obras. A primeira é uma coletânea denominada *Escritos sobre ciencia, género y educación*, de Margarita Comas, com edição e introdução de José Mariano Bernal Martínez (Universidad de Murcia) e Francesca Comas Rubí (Universitat de les Illes Balears). A segunda é *La escuela única*, de Lorenzo Luzuriaga, para cuja edição e estudo introdutório concorreu Herminio Barreiro Rodríguez (Universidad de Santiago de Compostela). A terceira obra é *Pedagogía social*, de Paul Natorp, com edição e introdução de Conrad Vilanou Torrano (Universidad de Barcelona). Segundo o informe, acima mencionado, de Viñao Frago, os próximos títulos a ser lançados serão: *El descubrimiento de la infancia*, de Maria Montessori; *Sobre Educación*, de José María Blanco White; *Experiencia y educación*, de John Dewey; *Memorias de un educador. Escritos sobre o sistema preventivo*, de Don Bosco; e *La revolución en la escuela*, de Rodolfo Llopis.

Entre os três títulos que inauguram a série, a autora da primeira obra, Margarita Comas (1892-1973), talvez seja a menos conhecida do

público brasileiro. A sua biobibliografia, no entanto, revela uma personalidade e uma obra cujo interesse não se restringe às fronteiras espanholas. Uma das primeiras mulheres na Espanha a obter, em 1928, o título de doutor em Ciências Naturais, foi também a primeira mulher a lecionar na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidad Autónoma de Barcelona. Esse pioneirismo não poderia deixar de transparecer em seus escritos, em que faz defesa fervorosa da coeducação dos sexos, à época um verdadeiro tabu não apenas naquele país de forte tradição católica ultramontana, mas também em outras partes do mundo. Outro conjunto de textos que completa a coletânea refere-se às reflexões e propostas da autora a respeito do ensino das ciências. Para ela, pensar sobre esse ensino é, antes de tudo, indagar quais seus objetivos, que, acredita, devem visar à formação dos homens:

Há uma porção de facetas da alma humana que um bom ensino científico, melhor que nenhum outro, pode cultivar na escola, tais são, por exemplo, o espírito de observação, a serenidade, o domínio de si mesmo, o costume de buscar as causas das coisas, a ordem, a cautela nas afirmações, a admiração pela natureza, a modestia, a tolerância etc. [Comas, 2001, p. 210].

Bem se vê que há aqui um fértil material para os historiadores das disciplinas escolares para decifrar o enigma da composição dos conteúdos desse curioso saber escolar, que recolhe temas da física, da química, da biologia, da nutrição, da saúde e da higiene, da ecologia etc., sem se confundir com a mera vulgarização de nenhuma dessas ciências.

A segunda obra, do célebre educador espanhol Lorenzo Luzuriaga (1889-1959), constitui um enérgico libelo em favor da chamada “escola única” – termo que adotou após ter hesitado por outras denominações (“escola unitária nacional”, “escola em unidade”, “escola unificada”), conforme esclarecem Herminio Barreiro Rodríguez, em sua utilíssima “Introdução”, e o próprio autor no início do seu texto (pp. 45-46). A escola única, segundo Luzuriaga, é o coroamento das aspirações proclamadas pelo “movimento de educação popular iniciado no século

XVIII”, que se efetiva seja como “escola pública”, seja como “educação nacional”, “isto é, a educação acima das classes, a do povo em sua totalidade”. Esse movimento:

encontra sua plena realização no século XX, que estabelece definitivamente a escola pública, gratuita, obrigatória e nacional em todo o mundo civilizado [...]. A escola única aspira a facilitar a fusão de todas as classes sociais, de todas as forças políticas, de todas as confissões religiosas em uma unidade espiritual superior, a alma nacional, que inspire a todos e a cada um de seus membros [Luzuriaga, 2001, pp. 51-52].

A obra de Paul (ou Pablo, como está grafado na capa e na página de rosto) Natorp (1854-1924) difere das anteriores em pelo menos dois aspectos: o autor não é espanhol, mas alemão, e o seu texto representa um esforço de constituir o campo pedagógico pela via especulativa (no sentido empregado pelo idealismo alemão). Situando-se na tradição kantiana e neokantiana, o empreendimento desse continuador de Pestalozzi consiste em formular a idéia da educação como formação (*Bildung*) do homem visando à comunidade humana, somente na qual e pela qual “o homem se faz homem” (p. 169) – daí o caráter necessariamente *social* da sua pedagogia:

O conceito da pedagogia social significa, portanto, o reconhecimento fundado em princípios de que a educação do indivíduo, em toda direção essencial, está condicionada socialmente, assim como, por outro lado, uma conformação humana da vida social está fundamentalmente condicionada por uma educação adequada dos indivíduos que vão tomar parte nela. Conforme a isso é também preciso que se determine o problema último e mais compreensivo da cultura para os particulares e para todos os particulares. As *condições sociais* da cultura, portanto, e as *condições culturais* da *vida social*: tal é o tema desta ciência [Natorp, 2001, p. 178, grifos do autor].

Talvez, ao ler as análises e as propostas desses autores, o leitor de hoje seja tomado por um sentimento de estranhamento e decepção. Ao que escreveu Margarita Comas – admitem Bernal Martínez e Comas Rubí, que a apresentam –,

de uma perspectiva de análise feminista, poderiam surgir algumas objeções [...] Por um lado, com sua formação em Ciências, mais que romper com o modelo educativo masculino, o que conseguiu Margarita Comas foi integrar-se nele, poder-se-ia dizer que “chegou ao mesmo nível intelectual de alguns homens”. Por outro lado, [...] Margarita dedicou-se ao ensino [...] Dir-se-ia, pois, que escolheu o caminho profissional socialmente melhor aceito para uma mulher [Comas, 2001, p. 20].

Luzuriaga, por sua vez, ao propor a “escola única”, parece desconsiderar a profunda divisão social que marca a sociedade contemporânea, burguesa, a mesma coisa acontecendo com Natorp, cuja idéia de educação não prescinde da religião, embora secularizada, reduzida aos limites da própria humanidade. Em suma, esses autores partilham da profunda ilusão burguesa de universalidade, em que sucumbem as mais belas almas e intenções. Mas com um pouco mais de atenção não é impossível perceber certas nuances na noite escura da ideologia.

Lorenzo Luzuriaga, em 1922, fundou a *Revista de Pedagogía*, em torno da qual gravitam importantes educadores espanhóis, entre os quais Margarita Comas. É essa geração que assiste à proclamação da Segunda República na Espanha, em 1931, e se lança às reformas educacionais que acredita ser as exigidas pelos novos tempos. Se Luzuriaga imagina uma escola única capaz de superar a divisão social, não é porque foi tomado por um romântico sonho (burguês) de conciliação de classes, mas por acreditar que essa República só poderia prosperar se possibilitasse a emancipação dos trabalhadores. Diz ele:

O movimento pedagógico de nosso tempo não é apenas produto da maior intervenção do Estado, mas que teve também como motor a tendência cultural ascendente das classes trabalhadoras. Es-

tas não quiseram ficar relegadas nos confins da educação elementar, e tem pedido cada vez mais facilidades para sair desta. [...] E esse é o sentido da aspiração socialista em todas as partes. A educação não patrimônio de uma única classe social, mas aberta e possibilitada a todas, de modo especial à classe trabalhadora. Mas isso não no sentido um tanto abstrato da educação nacional, universal, mas no mais concreto, da educação social [Luzuriaga, 2001, pp. 52-53].

Não por acaso a expressão “educação social” remete à “pedagogia social” de Natorp. Como assinala Conrad Vilanou Torrano, que apresenta a obra de Natorp,

a *Pedagogia Social* entrou na Espanha por meio do núcleo de intelectuais (Fernando de los Ríos, María de Maetzu, García Morente, Lorenzo Luzuriaga) que, seguindo os passos de Ortega y Gasset, marcharam à Alemanha para estudar filosofia e pedagogia em Marburgo, onde lecionavam precisamente Cohen e Natorp [Natorp, 2001, pp. 52-53].

Desse grupo de educadores, Fernando de los Ríos é autor de *O sentido humanista do socialismo*, inspirado em Natorp. A propósito deste, sugere Vilanou Torrano:

Talvez não seja exagerado detectar na filosofia de Natorp algumas notas daquele socialismo utópico de primeira hora, ainda mais se considerarmos o seu desejo de constituir verdadeiras comunidades de trabalho presididas por uma vontade humana definitivamente harmonizada. Em todo caso, o socialismo da escola de Marburgo se aproxima das teses social-democratas [...] [Natorp, 2001, pp. 42-43].

Na Espanha, as propostas assentadas nesse desejo de emancipação foram esmagadas pelo regime franquista que se consolidou após a Guerra Civil (1936-1939). Margarita Comas e Lorenzo Luzuriaga tive-

ram de abandonar o país e ambos morreram no exílio: ela, na Inglaterra; ele, na Argentina.

Hoje, talvez seja difícil concordar com as propostas desses três autores, que parecem pecar por profunda ingenuidade, que as faz presas fáceis da ideologia dominante. Mas o desejo e a vontade que os alimentam ainda ecoam nesses tempos tão céticos e cínicos. Não cabe, então, aprovar ou refutar-lhes as teses; o tempo destas já passou. Mas é possível pensar com eles, ou a partir deles, das suas inquietações, seus sonhos, suas utopias. Por isso, a eles se aplicam os comentários de Merleau-Ponty (1962) no “Prefácio” de *Sinais*:

A história do pensamento não pronuncia sumariamente: isto é verdadeiro, aquilo é falso. Como qualquer história, tem decisões surdas: liberta ou embalsama certas doutrinas, transforma-as em “mensagens” ou em peças de museu. Existem outras, pelo contrário, que mantêm em atividade, [...] porque continuam falando para lá dos enunciados, das proposições, intermediários a que estamos vinculados se queremos ir mais além. São esses os clássicos [p. 18].

Não por acaso a série de que esses livros fazem parte denomina-se “Serie Clásicos de la Educación”. Diz Ítalo Calvino (2001): “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (p. 11).

*Kazumi Munakata*  
*Programa de estudos pós-graduados em educação:*  
*história, política, sociedade, da Pontifícia*  
*Universidade Católica de São Paulo.*

## Referências bibliográficas

CALVINO, Ítalo (2001). *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

MERLEAU-PONTY (1962). *Sinais*. Lisboa: Minotauro.